

O SUPERAR DA RAZÃO NA FILOSOFIA DE BLAISE PASCAL: A SOBERANIA DO CORAÇÃO E A BUSCA

Rebeca Cordeiro de Moraes (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Paulo Ricardo Martines (Orientador), e-mail: prmartines@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Ciências Humanas / Filosofia

Palavras-chave: Razão, Coração, Filosofia Cristã.

Resumo:

A referida pesquisa tem por objetivo analisar a distinção da filosofia pascaliana em relação à sua contemporaneidade, a considerar que o filósofo é uma figura do século XVII, onde a razão impera e a busca por certezas e solidez se faz primazia. Pascal, por sua vez, caminhará na contramão de seu contexto admitindo incompletudes e contrariedades em se tratando do que se possa vir a conhecer. Sua filosofia ignora correntes e postulados vigentes, sendo uma filosofia cristã, alicerçada a partir das Escrituras e com alusões à doutrina agostiniana. A filosofia pascaliana é investigada com base em sua inacabada Apologia da Religião Cristã – de cunho antropocêntrico. De tal modo, o pensador francês transporá a razão por julgá-la limitadora e proporá que a única maneira de o homem conduzir-se é através de algo subestimado na realidade do século da razão: o coração. A inconstância do coração deixa o homem ante um amor singelo e imprescindível, fazendo-o buscar por algo que diminua a angústia da impossibilidade de concretude. Tal busca só pode ter um norte inigualável: o divino. A busca amorosa guiada pelo coração não é garantidora de resultados ou, ainda, de efetivação do encontro entre o finito e o infinito, mas o homem, desrido da pretensão racional, poderá tentar mudar seu estado continuamente.

Introdução

As transformações ocorridas a datar do Renascimento lançaram a Europa (e o mundo) em um *frenesi*: as criações e manifestações do período elevaram os anseios em explorar os *poderes* do homem enquanto indivíduo autônomo. Desse modo, a Modernidade raia como o século da razão com a contribuição de importantes nomes em se tratando de filosofia, tais quais Galileu Galilei, René Descartes e tantos outros. O que era “obscuro” fora superado, a razão encarrega-se, então, de ser a senhoria do conhecimento e dos feitos humanos.

Na contramão de tal realidade, apresenta-se uma notável e prodigiosa figura, seja a respeito de ciência, filosofia, religião: Blaise Pascal. O polemista e exímio inventor da família Pascal terá como norte a religião cristã e o incentivo de superação do “império” racional instaurado em seu século.

Para tanto, Pascal terá como “recurso” algo tido como incerto e dubitável: o coração. É por meio dele que o homem, enquanto indivíduo dualista, grande e miserável, inabilitado a certezas, guiar-se-á. O coração para Pascal é a única maneira de despir-se da presunção em que o homem mergulhara e, aliado à religião cristã, é o modo de buscar superar a tragicidade de ser dualista. A busca será mais significativa que o encontro de respostas.

Aspirar a alguma concretude ou verdade guiando-se pela razão seria agir com parcimônia, uma vez que o saber racional atua sem admitir lacunas (ainda que haja controvérsias). Assim, esta investigação busca como será possível aliar-se ao coração no século da razão e como uma filosofia cristã poderá transpor o que era instaurado e desenvolvido ao longo da Modernidade.

Materiais e métodos

Nesta pesquisa, considerando a “irrelevância” do pensamento pascaliano ante os pensadores de sua época, foi necessária uma investigação sobre a filosofia do século XVII, bem como do Renascimento, para melhor compreensão acerca do rompimento com a Idade Média, a mudança de perspectiva, os desdobramentos religiosos, os avanços técnico-culturais do período etc. A análise foi embasada em livros que tratassem da história e da filosofia da época.

Quanto ao pensamento pascaliano, foi preciso analisar sua inacabada *Apologia da Religião Cristã*, publicada postumamente com o título *Pensamentos*; bem como obras agostinianas, a obra de Jansênio e artigos de comentadores brasileiros que explorassem, de certa forma, a ainda pouco investigada filosofia de Pascal.

Resultados e Discussão

O Renascimento foi o rompimento com as ditas “trevas” medievais. O homem almejava reestruturar as esferas socioculturais como consequência da descoberta de seus “poderes” enquanto indivíduo autônomo. A libertação do passado fez com que fosse plausível uma edificação social em função da autonomia lograda e do amparo racional.

As inovações renascentistas, o ceticismo filosófico, as separações entre fé e razão, natureza e religião, política e Igreja tornam-se o cartão de visitas da Modernidade. O principal anseio moderno era a obtenção de solidez e assim se fez¹. Os pensadores de tal período são aclamados, cada

¹ Cf. CHÂTELET, 1974.

qual à sua maneira, pelo fundamento racional que propagam e, dentre tantos feitos, a Modernidade carrega o desejo de realocar o humano onde o domínio competia ao divino².

Dessa maneira, como exceção de tal contexto é possível aludir ao nome de Blaise Pascal, notório e prodigioso cientista, rigorista moral, apologista da religião cristã e polemista. Pascal não se prenderá a qualquer corrente de seu tempo, denunciará os limites da razão e proporá que o homem seja orientado pelo coração.

Ainda que o polemista não se ajuste ao contexto e às correntes de seu tempo, se autodeclarava discípulo de Santo Agostinho assente ao resgate da doutrina do bispo de Hipona resultante da obra de Cornélio Jansênio. Entretanto, a filosofia pascaliana não faz parada em tais vias. Seu pensamento será pautado na e pela defesa da religião cristã a partir de menções e honras a Agostinho e Jansênio, mas irá além; sua filosofia ultrapassa epistemologia, lógica, metafísica e ontologia tradicionais.

A condição dual humana de grandeza e miséria, em função de o homem ser criatura de descendência divina e em decorrência da culpa do pecado original respectivamente, faz com que não seja possível à razão delimitar “as diretrizes” humanas, tal tarefa só será possível ao coração que não define nem assegura o que quer que seja, mas permite que o homem, em sua condição contraditória inerente, vislumbre os horizontes que lhe são possíveis: “Conhecemos a verdade não só pela razão, mas também pelo coração; é desta última maneira que conhecemos os princípios, e é em vão que o raciocínio, que deles não participa, tenta combatê-los³”.

Apoiado ao coração o homem poderá caminhar (e esse caminhar é espiritual) guiado teologicamente, uma vez que, com a incerteza do coração, ele só pode mirar algo que o excede: o divino. A religião cristã fará com que desperte no coração um amor singelo e tal amor é, também, um apreço à busca pelo divino. Ao não se comprometer racionalmente Pascal permite que o coração cinja o que a razão não pode incorporar.

Tal caminho, então, não pressupõe garantia de encontro com a verdade e, além, com o Deus infinito, pois além de assumir a contrariedade e a falta de clareza, Pascal está mais comprometido com o trajeto e não com a necessidade de chegar a algum fim. O apreço à busca é o que move o homem:

Nada nos agrada tanto como ver um combate, mas não a vitória. Gostamos de ver os combates dos animais, não o vencedor encarniçado sobre o vencido. Que queríamos ver, se não o fim da vitória? E, desde que esta se verifica, enfastiamo-nos. Assim no jogo, assim na pesquisa da verdade. Gostamos de ver, nas polêmicas, o combate das opiniões; mas não gostamos, em absoluto, de contemplar a verdade encontrada. [...] Nunca procuramos as coisas, mas a pesquisa das coisas. (PASCAL, 1973, fr. 135, p. 74.)

A “pesquisa das coisas” não seria possível quando ambientada nos limites da razão, que visa à coisa e não sua busca. O coração é o amparo

² Cf. DANIEL-ROPS, 1999.

³ PASCAL, 1973, fr. 282, p. 111.

permissivo da busca incessante, ainda que sem garantias ou respostas, mas perseverante.

Tal sina será considerada trágica⁴, todavia abraçar tal sorte é o que permite ao homem a continuidade do caminhar. O coração, o amor que advém dele, falta de toda clareza e certeza, afinal, será a única “segurança” que o homem terá para seguir, continuar a buscar.

Conclusões

A filosofia pascaliana foi deixada à margem por ser contrária ao que era visionado para perdurar. O discípulo de Agostinho, como Pascal se autodenominava, despiu-se de todo pré-conceito e pretensão e elaborou uma filosofia subestimada, por sua base religiosa. Porém, tal “desprezo” ignora como a visão do francês não lança tudo às mãos divinas e espera passivamente, mas busca de modo ativo para além da religião.

Pascal, a partir do coração, oferece-nos uma filosofia original e sem dependência, a não ser o Cristianismo. Qualquer tentativa de enquadrá-lo em termos tradicionais como epistemologia, lógica, metafísica ou ontologia, seria taxá-lo para acomodar o que escapa à razão – e seu intento era livrarse de amarras e limitações às quais seus coetâneos amontoavam-se.

O coração, o amor dele proveniente e a busca são as únicas ferramentas das quais o homem finito, grande e miserável, pode, esperançoso, vislumbrar uma realidade além da que a razão lhe oferece.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária pela concessão da bolsa; à UEM; a todas as pessoas por trás das instituições envolvidas; ao Professor Doutor Paulo Ricardo Martines pela orientação e paciência ao longo dos últimos meses; sem cada um destes o crescimento adquirido através de cada leitura e cada avanço de pesquisa não seria possível. Obrigada por permitirem que eu participasse de algo tão colossal e valoroso para meu crescimento enquanto acadêmica, pesquisadora e enquanto pessoa.

Referências

CHÂTELET, François (Org.). **História da Filosofia: Ideias, Doutrinas. Vol. III: A Filosofia do Mundo Novo.** Trad. Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja da Renascença e da Reforma. Vol II: A Reforma Católica.** Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1999.

LEBRUN, Gérard. **Blaise Pascal, Voltas, Desvios e Reviravoltas.** Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Brasiliense S. A., 1983.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** Coleção Os Pensadores. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

⁴ LEBRUN, 1983, p. 91.